



Orgão do Grêmio Litterario "Le Monde Marchant"

COMISSÃO DE REDACÇÃO—ANTONIO SOARES, ALFREDO CARVALHO e ERICO SOUTO

Estado do Rio Grande do Norte—Natal 1 de Fevereiro de 1899

## Expediente

## Assignaturas

1\$000 réis por trimestre, pagos adiantadamente.

Escriptorio da redacção  
Praça André d' Albuquerque  
que nº. 44

## OASIS

## O DEVER DELLES

Alludindo a certos preten-  
ciosos, desses que têm-se em  
conta de summidades littera-  
rias, em um de seus innume-  
ros livros, já disse o brilhan-  
te e fecundo dr. Sylvio Rome-  
ro: ... «qualquer mocinho, um  
rapazinho qualquer, sabendo  
rimar um soneto ou alinhavar  
um conto, às mais das vezes  
banal e plagiado, arroga-se lo-  
go umas tantas immunidades,  
franze o sobrolho e despeja  
sobre os pobres mortaes as  
suas cóleras de *genie mecon-*  
*nu....»*

Mas o elegante e fino obser-  
vador das cousas litterarias  
de nossa terra escreveu propo-  
sitalmente aquelle scintillante  
periodo para... (descancem os  
moços da *Academia Litteraria*,  
não foi para elles: seria honra  
em demasia) escreveu-o elle,  
para mediocres que podem  
ser mestres dos nullos de la'.

Fazemos de conta, porém, que  
aquele trecho brotou de um  
desses «espiritos vivazes» que  
proclamam aos quatro ventos  
o merito de suas obras, e ap-  
pliquemol-o aos srs. *academi-*  
*cos.*

Que nos perdoe o disparate a quem, mal dando conta do e o arrojo da comparação o seu recado como aprendiz, illustre jurista e critico sergi pano.

E' isto mesmo: Sylvio Ro-  
mero tem rasão e de sobra.

Os rapazes da «litteraria Rio Grandense», alguns «mal sahi-  
dos dos preparatorios por on-  
de muitas vezes passaram,  
graças a' benevolencia dos  
examinadores» (isto ainda diz  
o mestre, referindo-se *aux ge-  
nies*) outros simplesmente es-  
tudantes de portuguez, repre-  
hendem-nos porque, —despre-  
zando as lições dos mestres, jul-  
gamo-nos competentes para cor-  
rigir-nos por nós mesmos e ha-  
bilitados a' impor nossas idéas  
disparatadas ao resto da huma-  
nidade.

Assim escreve o sr. Pedro  
Alexandrino pelos seus colle-  
gas da *panellinha*.

Os mestres de que falla o  
presidente dos *academicos*,  
são, elle e os seus companhei-  
ros. Pelo menos e' o que se  
deprehende daquelle trecho,  
tendo em vista c' que houve.  
ramos escripto no nosso mal  
alinhavado artigo do *Oasis* ul-  
timo: «Reconhecemos que te-  
mos tido muitas imperfeições,  
porém dispensamos de bom  
grado as suas eruditas lições:  
procuremos corrigir-nos».

O caso é claro e afirmar o  
contrario do que vimos de-  
expor, é pretender voar, sem  
ter azas...

Aqui, tem a palavra o leitor  
imparcial e sensato: temos ou  
não razão em chamar pobre  
de espirito, desfructavel, tolo,

a quem, mal dando conta do  
seu recado como aprendiz,  
propala-se mestre n'uma fan-  
farrice pulha de vaidade e fal-  
ta de criterio?!

Passemos a outro ponto.

O facto de dizer-se uma  
verdade, crua embora, que  
porventura desabone em algu-  
ma causa o estado de progres-  
so e civilisação em que se  
acha o nosso torrão, não im-  
porta em falta de patriotismo.

Ja' Tobias Barreto, Sylvio  
Romero, José Verissimo e ou-  
tras autoridades litterarias  
brasileiras têm mostrado a'  
evidencia o grão de atrazo em  
que nos achamos.

Dahi, porque não assignar  
mos opiniões tão incontestes?  
Somos principiantes e deve-  
mo-nos guiar pelos mestres.  
Apostamos como o sr. Alexan-  
drino e os do seu rebanho,  
não trepidarão em classificar  
de brazileiros degenerados  
áquelles que pertencem à grey  
illustre dos dirigentes do mo-  
vimento espiritual do Brazil!

Não e' de admirar

«Mascaras abaix! individua-  
lise-se a coisa!» Com estas e  
outras exclamações tragicas,  
recheia o sr. Alexandrino, os  
seus artigos. (Note-se porém,  
que o seu tragicismo é reles  
e manqué...)

E o que quer o cacique da  
tala *academica*?

Não carecemos dos aluga-  
dos da imprensa, que, como  
elle confessa ingenuamente,  
têm aparecido pela redacção  
do seu jornalsinho.

Temos dignidade, repetimos, tal de para sustentar as nossas opiniões.

Brama possesso o articulista da *Miscellanea* e, entre outras, deixa cahir da pena a rachitica e doente a expressão «pungido de lama».

Apezar do gongorismo da phrase, devolvemol-a intacta ao rabiscador tolo e semsabão das frioleiras sem gramática do seu jornal.

Advertimos-lhe, porém, de que deve-se respeito a este público paciente e bom e elminar de vez aquella linguagem baixa de que usa.

Deixa-se isto para o fundo das tavernas, para o ambiente putrido e viciado dos cortiços.

Outrosim, declaramos que, no terreno para que o chefe da «Academia» résvalou, não discutiremos.

Comprehende o illustre público, a distancia que deve haver entre moços que tentam erguer-se pelo estudo e um irresponsavel qualquer sem o necessário criterio que devem ter os que vão a arena jornalística com tuitos nobres e sãos.

Terminamos o nosso modo de escripto, desafiando o Sr. P. Alexandre no a declarar qual o autor do artigo «O dever delles» do ultimo numero do obscuro orgão do «Le Monde Marche».

Estude, medite, procure calmar o seu espirito enfermo, e suprehenda travéz aquellas linhas singellas, com um pouco mais de larguez de vistas e um tanto mais de senso critico a mão irreverente do que ousou duvidar do profundo saber dos litteratos da *Miscellanea*.

E nada mais.

Embarcou hoje, no paquete «Brazil» com destino a capi-

Amazonas, o nosso amigo H. Soares da Silva. Feliz viagem.

### OCCULTO

Ao José Chaves

Agora sim... Debaixo d'aquelle frondoza arvore, occulto pelas verde negras ramarias, isento dos beijos merecimentos das sempiternas estrelas, ouvindo, ora o gemido regato que passa proximo, ora o balouçar cadencioso e monotono das ramagens impellidas pelas auras da noite, é, que eu desejo, assim occulto, ouvir de teus labios, a promessa leal do teu amor.

Bem sei que és bella, e, que te orgulhas em ser da terra da luz, mas... amo-te muito, e, debaixo d'aquelle copada arvore, quero sentir o halito quente de tua perfumada boquinha e, sorrindo, sorver de quando em quando o nectar vivificante de teus labios em flor. Depois... depois, convencido pelas juras de teu coração, ir a procura de uma modesta morada, encravada á beira d'um lago, onde possa viver feliz, contemplando alegre os alvos cíes boiando á tona placidas aguas, como se fossem nossos corações e banharem-se no risonho lago dessa ilusão que se chama—amor.

Mario

### Consorcio

Sabbado, 28 do mez proximo findo, consorciaram-se n'esta capital o illustre cidadão Faustiniano Gomes de Leiros com a senhorita Petronilla Camara.

Nossas felicitações ao dito par.

### No Bosque

Grave, triste e melancolico (Si nao te vejo a trez dias!) Busco e retiro bucolico Das alamedas sombrias.

Olhar fixo, andar pausado, Como quem busca um segredo, Menestrel enamorado Divago entre o arvoredo.

E as aves cheias de espanto Ao ver-me passar assim, Suspendendo o alegre canto Ficam se a olhar para mim.

Na frondosa ramaria A toutinegra indiscreta Diz baixinho a' cotovia: —La' vae passando um poeta?

E a pipilar com malicia Espreita-me o alegre bando, Em quanto vae a noticia De bico em bico passando.

—E' um poeta que passa, Murmuram, trocando, as aves. E' um poeta—tem graça!— Como os poetas são graves!

Mas a multidão canora, Segreda um pardal facetô: —Não façam barulho agora Que vae compondo um soneto!

GUERRA JUNQUEIRO.

### Nossa bibliotheca

Estação nº. 1, de 15 de Janeiro, importante jornal de modas. Além de bons figurinos e desenhos, traz uma belissima parte litteraria.

—Moda Elegante, nº 50, de Dezembro, publicação de modas parizienses; traz bellos figurinos, desenhos, etc etc.

—Violão, livro de Rodolpho Theophilo e Almanack do Rio Grande da Sul, oferecido pelo distinto moço, nosso collega da «Tobias Barreto» Francisco Freire da Cruz.

—Tribuna, apreciado orgão do «Congresso Litterario», que muito nos honra com a sua visita.

—Miscellanea, orgão d' Academia Litteraria Norte Rio Grandense».

## REPULSAO

AO ANTONIO SOARES

Musica! Ah! sempre a musica a melancolizar-te o espirito, Maura! Sempre ella a demonstrar em ti os traços caracteristicos de uma tristeza indomavel, sem que se possa colligir os intuitions reciprocamente vedados de sua natureza. E como explicas, pois, este mysterio? Como traduzes esta singularidade que a conservas tão previdente em teu seio? Falal! Falal! Exijo com insistencia este porque de ti, e de mais, deves saber que o coração geralmente, em certos momentos, pede com brevidade a realização dos seus desejos, ja quando interessalhe a felicidade, a ventura, ja quando precisa de aniquillar a ferida cancerosa de duvidas ferinas. Vamos! Uma palavra apenas!

—Pois, bem, Zildo, senta-te e ouve a minha narrativa, mas, para dar as chaves deste segredo, é preciso primeiramente declarar-te que, nos reconditos de minh'alma, ha uma saudade forasteira que mais augmenta e mais cresce quando a alegria em mim mais se dilata e se estende.

—Explica-te. Bem sabes que meu coração soffre quando o teu gemitu e suspira, e..... se podesses resumir agora n'uma só palavra este mysterio....

—Espera um instante e sabel-o hás em breve. Dize-me francamente, ouvistes ha pouco um conjunto de notas suavissimas ali defronte aquella casa?

—Perfeitamente: "Muchacha" —mimosa walsa que, no piano, a senhorita Alice, filha mais velha do meu amigo dr. Bittencourt do Amaral, na interpretação daquella harmonia divina, doce e penetrante,

offerece, com muita propriedade, ao nosso pensamento, a interposição de muitas recordações, aonde muitas vezes está para uns o resumo do prazer e para outros uma traducção corrosiva da melancolia e da saudade.

—E o que sintiste por tua vez?

—Alegria, muita alegria e uns desejos febris de verte nos meus braços, cançada e langorosa, walsando ao som d'aquella musica attrahente e, por sim, nos rodopios da dança, eu senti a brisa aromosa dos teus cabellos flavos, enquanto, n'esta occasião distosa, meu coração guardava com avareza todos os psalmos apaixonados do teu seio eburneo.

—E porque me falas assim com esta franqueza?

—Pela força da paixão; pelos fluidos de amor.

—Amas-me?

—.....

Amar! Oh! Nunca! Nunca! E' esquecer depressa a sagrada memoria de Jonio. E' profanar sem hesitação todos aqueles juramentos que fiz ás suas cinzas, —eis porque a musica, Zildo, vem perturbar-me o espirito, —porque com ella foram se as minhas douradas illusões e estas....estas não voltam mais.

—Mas é preciso convir, Maura, que, na variedade dos tempos, pode haver uma aurora risonha para a tua existencia e a minha paixão.... quem sabe?

—Basta! Basta, senhor! Não queira escarnecer de um nome puro que o tumulo ja guardou! A minha fidelidade é rocha e não se troca pelas fantasias enganosas de um homem qualquer e em summa, deixe dizer-lhe — tem muita

luz o espelho da virtude para esconder o brilho desairoso de todas essas vaidades.

—Fevereiro — 99.

JOSÉ DE ABREU C.

## José Dantas

Em sessão ordinaria de 1º de Janeiro findo, foi proposto e aceito para socio correspondente deste gremio, na cidade de Canguaretama, o talentoso cidadão José Esteves Dantas, a quem enviamos nossas saudações.

## DAS «B ANDOLINATAS»

XIII

A burguezia rica e vil derrama  
O odio, por sobre mim, porque me atrevo  
A' amar-te estranha flor — sandalo ou trevo  
E a plebe contra mim, possessa brama.

Essa odeia-me flor, porque me elevo;  
Aquella meu amor, também se inflamma  
Porque anseio, subir onde não devo  
Desposando tão nobre e altaiva damal

Mal sabem os da plebe e a burguezia  
Que o humilde artista não se atreveria  
A' ambicionar-te a mão fidalga e pura  
Se não lhé houvesses dito em tóm amigo  
«Só comigo, meu poeta, só comigo,  
Praticarei tão divinal loucura!»

ULDARICO CAVALCANTI

## José de Abreu...

Por um grupinho avultado  
De amigos, entre elles eu,  
Foi muito felicitado  
O conteur José de Abreu  
Que a 22 do passado  
Da vida no livro amado  
Mais uma folhaolveu:

B. R.

## A ti e a' ella...

Vão-se os dias e enfim o dia chega  
De te deixar então sombras queridas!  
—Ela que foi o asilo de meus sonhos,  
—E tu desses meus dias tão tristonhos  
A ti, a ti as minhas despedidas!

I

Que infinita saudade de ti levo,  
De ti meu doce e venturoso abrigo!..  
Quão terríveis serão as minhas dores!  
Comtigo ficam todos meus amores,  
Meus pensamentos ficarão contigo!

Tanto tempo sem ver-te como és bella  
Assim a tarde quando o sol se abyama!  
E em meus dias pensando assim dispersos,  
Terei meus olhos morbidos immersos  
Na mais sinistra e esmagadora saudade!

Um outro eu sem esta poesia  
Que tem teu esse explendido e brilhante,  
Será meu triste teste pesado  
Onde supertarei frio, calado,  
A negra nostalgia lancinante!

Um outro eu sem este azul profundo  
Onde se engastam perlas luminosas...  
Como sudário congelado enorme,  
Me cobriu a fronte que não dorme,  
Grivada de saudades dolorosas!

II

Agora a ti excelsa creatura!  
Estrela divinal de estranhos céos!  
Desprende a loura juta desnastrada  
Para que ouças toda amargurada  
O meu sentido e terno e doce adeus!

Mas quando a noite a fria lua em cheio,  
Banhar em luz tua gentil guarida,  
Contempla o mar, morrendo de saudade,  
Que este monstro de eterna imensidão,  
Foi quem assim nos separou, querida!

Quem por mim velara' sobre tu templo!  
Quando a noite fechar-se oh meu amor!  
As trevas entrando pelas janellas...  
Mas não! dos céos as pallidas estrelas  
Hão de banhar-lhe de sentido alvor!

E quão tristes então vão ser-me os dias  
Como as noites cruéis hão de passar!  
Quem por mim sentirá morto d'anhelos,  
O perfume subtil de teus cabellos  
E quem por mim os hão de assim cantar!

De longe levarei noites inteiras  
Em suspiros por ti pallida flor!  
E aos ventos que a noite escura afagam  
Mu pedirei sentido que te tragam  
Toda a saudade, toda a minha dor!....

A ti meu triste adeus bem suspirado!  
Phanaes que me salvaram dos abrolhos  
Desta vida cruel, de minha vida,  
Adeus, adeus! a voz sinto opprimida...  
E mal sustenho as lagrimas nos olhos

Nat al-99-

SEBASTIÃO FERNANDES

## Charadas

2-2—Muito estimo a' mulher dedicada:  
1-1—Exilado, não enxergo o descanso:  
3-2—Estime esta senhora...boa mulher!

AMIANTEO

## Estrelas fixas

A' que é pura como os  
Archangos de Deus.  
Esses teus olhos, minha flor, eu juro,  
São mais q'sóes, são mais do q' explendores  
Illuminando esse teu rosto puro.  
Alvo de lirio, pleno de fulgores!...

São estrelas do céu do meu Futuro...  
Fócos de luz, suaves, matadores,  
Dónde dimanam fluidos que eu procuro  
Qual lenitivo para as minhas Dores...

O viver sem a luz desses teus olhos.  
E' navegar em pleno mar d'escolhos  
Aos perigos das noutes tenebrosas...

Antes ser pela morte arrebatado  
Do que viver a's trevas condemnado  
Longe dessas estrelas luminosas!

Natal

ERICO SOUTO

## NO BAILE

Alva da alvura celica dos Astros,  
Que deslumbra, que prende e que fascina...  
Oh forma d' anjo, oh compleição divina  
Que leva as almas pallidas de rastros!

Corpo esculpido em finos alabastros,  
De bíblica beleza peregrina.  
A mim, teu fulvo olhar o amor propina  
E a mim propina a Luz desses dois Astros!

E se por mim ella sorriindo passa,  
Quando na volta lírica da walsa  
A loura cabelleira aos hombros desce,

Sustendo o coração que está pulsando  
E commigo murmuro suspirando:-  
«Se eu fallar-lhe podesse aí! se pudesse!»

Natal, 15-1-99.

SEBASTIÃO FERNANDES

## PIANO

Pedi-lhe amavelmente que tocassem  
Uma peça qualquer no seu piano,  
Também não foi preciso que eu instasse:  
Satisfez-me de um modo todo lhano.

Com meigo olhar, com porte soberano;  
Prendendo a trança, colorindo a face,  
Sentou-se à cadeirinha do piano  
E não tardou que a peça executasse.

Era uma valsa, mas que valsa aquella!  
Era, a meu gosto, a de maior valor  
Da grande colleção de minha Stella.

Perguntei-lhe depois, oh santa, oh flor,  
Como intitula-se essa valsa? E ella  
Respondeu-me sorrindo: «O nosso amor».

ANTONIO SOARES

## Virgem

—Vão vês? Foi alli que ella  
nasceu.

Depois ja' apanhava borboletas, colhia flores, e tudo, tudo era para mim.

Ella dava-me beijos, eu colhia fructos para ella. Era minha noiva.

Onde ella andava tinha flores, desabrochavam lirios, nasciam jasmins.

Ella era branca como os jasmins, pequena como o lirio e linda como as flores!

N'uma manhã de inverno ella morreu. Deitaram-n'a n'um caixão azul e disseram-me que ella tinha voado para tocar com os anjos as harpas divinas!...

Vês aquella pedra? Foi alli que deixaram seu corpo. No pe'da lousa tem uma saudade; fui eu quem plantou-a.

Ella dorme. Dizem que não voltara' mais, porém é mentira.

Todas as manhãs, quando a estrela d'alva aparece no céo, as flores abrem-se, o lirio chora, os jasmins rescedem um perfume mais doce.

Ella está alli. Vejo-a com sua veste branca, a tocar com os anjos a harpa divina que perde-se nas quebradas dos montes, com um susurro angelico que é o da sua voz. E' ella que canta!....

PASSET NORMANDO

## Anniversarios

No dia 25 do mez p. passado completaram mais um anno de preciosa existencia os nossos distintos consocios, honrario e effectivo, Professor Elias Souto e seu primogenito Elias Scuto Filho.

A redacção do *Oasis* envia-lhes, ainda que tarde, suas felicitacões.